

MARIA HELENA ZIBIA, DIRECTORA EXECUTIVA DA CMA Agricultura sustentável é alternativa às secas cíclicas

FRANCISCO MANJATE

UM dos problemas que os camponeses praticantes da agricultura familiar enfrentam é a forte dependência ao sistema de sequeiro, ou seja, esperam a chuva para ter algo na machamba.

Entretanto, nos últimos 10 anos a Comunidade Moçambicana de Ajuda (CMA) tem introduzido técnicas inovadoras que visam operar mudanças nos métodos de produção. Centrando as suas ações a nível da província de Maputo, principalmente nos distritos da Manhiça, Boane e Namaacha, a CMA tem "pregado" o discurso da importância que a agricultura sustentável tem no seio das comunidades. Afinal, com recurso a produtos orgânicos possibilita que, mesmo em meios inóspitos e em períodos de seca prolongada, os camponeses possam produzir e conseguir retirar uma mínima produção para a sua alimentação. Existindo há 19 anos, esta organização actua no campo da sustentabilidade agrícola, uso de sementes melhoradas e gestão de recursos naturais. Em entrevista concedida ao "Notícias", a Directora-Executiva da CMA, Maria Helena Zibia fala sobre as actividades que têm desenvolvido nas diversas componentes agrícolas, reiterando que o maior objectivo é, nestes tempos difíceis



As comunidades do distrito da Manhiça praticam agricultura sustentável e obtêm melhores rendimentos

famílias a produzir para garantir, sobretudo, a segurança alimentar, diversificar a sua alimentação e só comercializar o excedente, caso exista. Transcrevemos, de seguida, os extractos mais significativos da entrevista.

NOTÍCIAS (NOT) – As secas que assolam ciclicamente o país penalizam, sobretudo, os agricultores do sector familiar, pois as chuvas são cada vez mais escassas, como resultado das mudanças climáticas. Como incentivar as comunidades a não desistir das suas actividades?

MARIA HELENA ZIBIA (MHZ) – A nossa abordagem é mais no sentido transformador. Estamos a lutar para que os camponeses que desenvolvem a agricultura familiar possam adoptar tecnologias da produção agrícola inovadoras e passarem a praticar uma agricultura sustentável. Isto passa também por

cujos efeitos há muitos anos se fazem sentir, com grandes impactos nas nossas vidas. Então, usando uma agricultura sustentável e saber gerir os recursos naturais existentes na natureza, sobretudo nas suas áreas, poderemos ter comunidades fortes e a produzir para o seu sustento e também a comercializar o excedente para melhorarem as suas rendas familiares. A nossa preocupação não é somente no aspecto alimentar das comunidades, mas também queremos vê-las a melhorar as suas condições de vida, o que passa por terem capacidade de irem ao mercado e poder fazer aquisições.

NOT – Como começaram a trabalhar com estas comunidades na área da agricultura sustentável?

MHZ – No esforço de buscar melhores resultados na produção de hortícolas, sobretudo no período seco, que coincide com as estações frias, muitas comunidades co-

fora dos padrões aconselháveis. E muitos fizeram-no ao desbarato que destruíram a fertilidade desses solos. Então, quando chegava a época agrícola eles não conseguiam obter bons rendimentos, pois os solos já estavam saturados. É aí onde começamos a intervir, pois notamos que os adubos químicos eles usavam eram responsáveis pela degradação dos solos. Mas também estamos a dizer todos os dias às comunidades que não devem queimar o mato, não abatam árvores, não precisam recorrer aos métodos de corte e queima para abrir novos campos agrícolas devido aos efeitos negativos disso sobre os solos, principalmente.

NOT – Como aderiram aos programas de produção de adubos orgânicos e de que forma são produzidos?

MHZ – Conosco aprenderam a produzir adubos compostos, que são feitos de forma muito simples com recurso a produtos orgânicos



Maria Helena Zibia

de animais, água e areia. Ao fim de um ou dois meses, com estes materiais misturados conseguimos produzir o adubo. Depois de termos capacitados a fazer este tipo de adubos compostos notamos uma certa melhoria na sua produção. Aos poucos, muitos começaram a aderir a estas técnicas. Pensamos que esta é também uma forma de mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

NOT – Da avaliação feita, qual é o impacto destas medidas que estão a implementar nas comunidades?

MHZ – Quando fazemos avaliação notamos que este tipo de agricultura traz sustentabilidade para as famílias, primeiro porque melhora a qualidade das culturas, aumenta a quantidade da produção nas famílias – porque eles agora estão a produzir de uma forma que lhes permite ter produtos para o seu consumo e também para vender. Este é o desafio que nós temos, porque queremos ajudar nos esforços de redução da fome, primeiro, e da vulnerabilidade nas famílias.

Não distribuimos comida mas damos conhecimento

Entre machamba e criação de frangos

NOT – Para além do trabalho da machamba, têm estado a fazer outras actividades que sejam complementares a esta?

MHZ – Investimos também na criação de pintos, que são pequenos negócios. Isso deriva do facto de estarmos a trabalhar muito com mulheres que são mães solteiras e chefes de famílias. E nós encontramos uma vulnerabilidade intensa, por isso achamos que podíamos ter um projecto que pudesse apoiá-las na melhoria dos seus rendimentos. E um dos que pensamos rapidamente foi a criação de frangos. Primeiro capacitamos essas famílias para que aprendessem a saber gerir um pequeno negócio, como é possível obter lucros, mas também guardá-lo para poder ser replicado e ser uma renda maior para a sua família e também dividido pelas restantes pessoas que integram o grupo. Então, estrategicamente, integramos no projecto de agricultura esta componente de gestão de pequenos negócios.

NOT – Quantas pessoas beneficiam deste negócio?

MHZ – São no total 100 mulheres que temos no projecto, divididos em diversos grupos. Cada um tem um total de 200 pintos. No fim, elas vão dividir os lucros e reinvestir outro até que haja capacidade de cada um dos grupos ter um seu aviário. Assim, elas se dividem entre o trabalho da machamba e o da criação de frangos. Esta é uma alternativa que possa ajudar a apoiar no aumento da renda familiar. E estamos animados porque sentimos que elas valorizam isso e percebem que é possível sair da situação do ciclo de pobreza e da dependência das chuvas. Isso é bom, porque também contamos com o apoio do distrito da Manhiça.

NOT – Que desafios a CMA assumiu e quais são os planos do futuro?

MHZ – Queremos que estas mulheres possam ter o seu próprio aviário, o que passa por fazerem com que este negócio seja rotativo, como se de "xitique" se tratasse. Agora estamos a trabalhar com aviários emprestados, mas dentro de um ano queremos que elas nos apresentem um aviário delas. Mas, para poderem construir a sua própria infra-estrutura têm que aprender a poupar. Segundo, queremos ver as famílias a melhorar a sua prestação e renda. Quando começamos a actuar aqui encontramos situações de famílias que só tinham uma refeição por dia, mas agora já conseguem ter pelo menos duas, o que é muito bom.

NOT – Portanto, estaremos certos se dissermos que actuam também no campo da educação nutricional?

MHZ – O que nos anima, também, é vermos elas a diversificar o tipo de alimentos que consomem, portanto, começa a haver alguma preocupação com a qualidade de alimentos, isso é muito importante porque ajuda a combater a desnutrição crónica. A nossa preocupação não é simplesmente que as famílias trabalhem na machamba e vendam todo o excedente. Queremos que primeiro garantam a sua alimentação básica em casa, não morram à fome, possam alimentar devidamente os seus dependentes com base em alimentos bons, saudáveis e diversificados e possam colocar o excedente no mercado para permitir que obtenham um dinheiro a fim de adquirir o que não têm em casa. A educação nutricional é extremamente importante porque não basta terem muita produção enquanto não sabem se alimentar direito e não comem produtos com a qualidade necessária. Por isso, nas palestras que realizamos temos falado sobre a importância da nutrição.

Entretanto, nos últimos 10 anos a Comunidade Moçambicana de Ajuda (CMA) tem introduzido técnicas inovativas que visam operar mudanças nos métodos de produção. Centrando as suas acções a nível da província de Maputo, principalmente nos distritos da Manhica, Boane e Namaacha, a CMA tem "pregado" o discurso da importância que a agricultura sustentável tem no seio das comunidades. Afinal, com recurso a produtos orgânicos possibilita que, mesmo em meios inóspitos e em períodos de seca prolongada, os camponeses possam produzir e conseguir retirar uma mínima produção para a sua alimentação. Existindo há 19 anos, esta organização actua no campo da sustentabilidade agrícola, uso de sementes melhoradas e gestão de recursos naturais. Em entrevista concedida ao "Notícias", a Directora-Executiva da CMA, Maria Helena Zibia fala sobre as actividades que têm desenvolvido nas diversas componentes agrícolas, reiterando que o maior objectivo é, nestes tempos difíceis caracterizados pela alta de preços dos produtos básicos, apoiar as



As comunidades do distrito da Manhica praticam agricultura sustentável e obtêm melhores rendimentos

famílias a produzir para garantir, sobretudo, a segurança alimentar, diversificar a sua alimentação e só comercializar o excedente, caso exista. Transcrevemos, de seguida, os extractos mais significativos da entrevista.

NOTÍCIAS (NOT) – As secas que assolam ciclicamente o país penalizam, sobretudo, os agricultores do sector familiar, pois as chuvas são cada vez mais escassas, como resultado das mudanças climáticas. Como incentivar as comunidades a não desistir das suas actividades?

MARIA HELENA ZÍBIA (MHZ) – A nossa abordagem é mais no sentido transformador. Estamos a lutar para que os camponeses que desenvolvem a agricultura familiar possam adoptar tecnologias da produção agrária inovadoras e passarem a praticar uma agricultura sustentável. Isto passa também por saberem que é preciso aprender a lidar com as mudanças climáticas,

cujos efeitos há muitos anos se fazem sentir, com grandes impactos nas nossas vidas. Então, usando uma agricultura sustentável e saberem gerir os recursos naturais existentes na natureza, sobretudo nas suas áreas, poderemos ter comunidades fortes e a produzir para o seu sustento e também a comercializar o excedente para melhorarem as suas rendas familiares. A nossa preocupação não é somente no aspecto alimentar das comunidades, mas também queremos vê-las a melhorar as suas condições de vida, o que passa por terem capacidade de irem ao mercado e poder fazer aquisições.

NOT – Como começaram a trabalhar com estas comunidades na área da agricultura sustentável?

MHZ – No esforço de buscar melhores resultados na produção de hortícolas, sobretudo no período seco, que coincide com as estações frígidas, muitas comunidades começaram a usar adubos químicos

fora dos padrões aconselháveis. E muitos fizeram-no ao desbarato que destruíram a fertilidade desses solos. Então, quando chegava a época agrícola eles não conseguiam obter bons rendimentos, pois os solos já estavam saturados. É aí onde começamos a intervir, pois notamos que os adubos químicos eles usavam eram responsáveis pela degradação dos solos. Mas também estamos a dizer todos os dias às comunidades que não devem queimar o mato, não abatam árvores, não precisam recorrer aos métodos de corte e queima para abrir novos campos agrícolas devido aos efeitos negativos disso sobre os solos, principalmente.

NOT – Como aderiram aos programas de produção de adubos orgânicos e de que forma são produzidos?

MHZ – Conosco aprenderam a produzir adubos compostos, que são feitos de forma muito simples com recurso a produtos orgânicos como folhas secas, capim, esterco



Maria Helena Zibia

de animais, água e areia. Ao fim de um ou dois meses, com estes materiais misturados conseguimos produzir o adubo. Depois de termos os capacitados a fazer este tipo de adubos compostos notamos uma certa melhoria na sua produção. Aos poucos, muitos começaram a aderir a estas técnicas. Pensamos que esta é também uma forma de mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

NOT – Da avaliação feita, qual é o impacto destas medidas que estão a implementar nas comunidades?

Não distribuímos comida mas damos conhecimento

AS vossas acções estão concentradas nas famílias mais vulneráveis dos locais onde estão presentes?

MHZ – O nosso desafio é fazer com que as comunidades que estamos a assistir tenham uma melhor qualidade de vida e, por via disso, possam investir na sua própria família. Mas isso só vai ser possível se tiverem resultados positivos. A CMA continua atenta às famílias mais vulneráveis.

NOT – Será sustentável alimentar centenas de famílias, e depois, por quanto tempo conseguirão realizar isso?

MHZ – Nós não distribuímos comida de borla. Não é nossa filosofia andar a dar produtos, mas sim ensinamos como resolver os problemas que as comunidades têm, conferindo-lhes técnicas que lhes possibilitam produzir para a sua própria auto-suficiência. E o que acontece é que os próprios beneficiários já começam a preocupar-se em falar sobre os seus projectos a mais pessoas vulneráveis que depois também se aproximam para aprender os mecanismos de produção.

NOT – Portanto, há cada vez mais famílias que querem aprender convosco. Não recelam ter um número superior de beneficiários que depois não consigam responder aos seus pedidos?

MHZ – Se aumenta o número

MHZ – Quando fazemos avaliação notamos que este tipo de agricultura traz sustentabilidade para as famílias, primeiro porque melhora a qualidade das culturas, aumenta a quantidade da produção nas famílias – porque eles agora estão a produzir de uma forma que lhes permite ter produtos para o seu consumo e também para vender. Este é o desafio que nós temos, porque queremos ajudar nos esforços de redução da fome, primeiro, e da vulnerabilidade nas famílias.

aviário, o que passa por fazerem com que este negócio seja rotativo, como se de "xitique" se tratasse. Agora estamos a trabalhar com aviários emprestados, mas dentro de um ano queremos que elas nos apresentem um aviário delas. Mas, para poderem construir a sua própria infra-estrutura têm que aprender a poupar. Segundo, queremos ver as famílias a melhorar a sua prestação e renda. Quando começamos a actuar aqui encontramos situações de famílias que só tinham uma refeição por dia, mas agora já conseguem ter pelo menos duas, o que é muito bom.

NOT – Portanto, estaremos certos se dissermos que actua também no campo da educação nutricional?

MHZ – O que nos anima, também, é vermos elas a diversificar o tipo de alimentos que consomem, portanto, começa a haver alguma preocupação com a qualidade de alimentos, isso é muito importante porque ajuda a combater a desnutrição crónica. A nossa preocupação não é simplesmente que as famílias trabalhem na machamba e vendam todo o excedente. Queremos que primeiro garantam a sua alimentação básica em casa, não morram à fome, possam alimentar devidamente os seus dependentes com base em alimentos bons, saudáveis e diversificados e possam colocar o excedente no mercado para permitir que obtenham um dinheiro a fim de adquirir o que não têm em casa. A educação nutricional é extremamente importante porque não basta terem muita produção enquanto não sabem se alimentar direito e não comem produtos com a qualidade necessária. Por isso, nas palestras que realizamos temos falado sobre a importância da nutrição.

A nossa filosofia é ajudar a melhorar a renda familiar

DAS visitas efectuadas recentemente na zona de Taninga, no Posto Administrativo 3 de Fevereiro, no distrito da Manhica, e na zona Localidade de Xinavani viu-se o esforço das comunidades de querer fragilizar a pobreza, com trabalho abnegado. Esta é a filosofia?

MHZ – Na verdade viu-se mais a capacidade de trabalho e a animação que as comunidades do distrito da Manhica têm. Logo, é falso dizer que os camponeses que praticam agricultura familiar trabalham muito pouco ou que estas são preguiçosas. Concordamos que, elas estão a ganhar consciência, cada vez mais, de que o uso de materiais orgânicos no processo de cultivo pode trazer rendimentos. E hoje estão a levantar a bandeira, pois vêem que há resultados. Houve momentos que achavam que isso não daria nada, pois estavam habituados a usar produtos químicos nas suas actividades.

NOT – E permite-lhes poupar dinheiro...

MHZ – Com certeza. Sabem que não precisam gastar dinheiro

comprando adubos químicos. E essas verbas são direccionadas para outros fins. Esta é uma particularidade. A outra é que com recurso a adubos orgânicos os camponeses têm melhores resultados, no

sentido de que as hortícolas que nascem das suas hortas são de melhor qualidade, a quantidade é maior e, por essa via, podem não só tirar para o seu consumo como também tem sempre sobras para

vender. Ou seja, mais do que gastar dinheiro, eles poupam mais. E são esses valores que usam para investir noutras acções que beneficiam as suas famílias, aumentando a renda familiar, particularmente.



Matola - Tchumene 1

VENDE-SE esta casa na rua principal em frente a EN4 (WeetBank), ao lado da esquadra, dentro da rede (condomínio).

30 Milhões de meticais.
NB-Negociáveis

Contact: 84- 9115155/ 82
-7599780

